As verdades que os nossos sentidos tecem

Em português, a palavra “sentido” é rica em significados. Aliás, um deles está diretamente ligado ao processo de significação. “Sentido” pode ser tanto o que se sente ou aquilo que significa, e mais ainda, pode ser para onde se vai. Outros idiomas são mais específicos e contornam essa polissemia desestabilizante. Para esta edição da Estudos em Jor-

Chegamos ao Núcleo Temático a partir dos textos recebidos

nalismo e Mídia, vem muito a calhar esse campo semântico amplo, agitado e dispersor. Isso porque os artigos que reunimos nas próximas páginas não apenas tentam aprisionar alguns sentidos nas mensagens da mídia e nos processos de comunicação como também apontam caminhos da pesquisa em Jornalismo no Brasil e no exterior.

A exemplo da edição anterior, a

Comissão Editorial não lançou chamada de artigos definindo um tema específico. Foram priorizados os artigos em fila para avaliação, o que consumiu esforços de boa parte do Conselho Editorial e de avaliadores convidados. Na medida em que recebiam indicação favorável à publicação, os artigos foram sinalizando subcampos de afinidade teórica ou conceitual, e foi à base dessa leitura que chegamos ao Núcleo Temático deste número: Verdades, Narrativas e Sentidos.

O abre-alas é um artigo do professor canadense Gilles Gauthier que, embora datasse de 2004 e fosse uma referência constantemente citada por aqui, ainda era inédito no Brasil. Nele, o autor retoma o (infinito) debate acerca da verdade no Jornalismo, escorado de um lado no realismo metafísico de John Searle e de outro no realismo alético de William Alston. Sua proposição é a de um realismo jornalístico, um notável esforço epistemológico. A tradução autorizada é de Andriolli de Brittes da Costa.

Mais preocupado com um acerto de contas com as verdades brasileiras, Laranjeira se dedica ao que chamou de “silêncios permissivos”, identificados em edições de 1974 do *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* por conta dos dez anos do regime militar. Gravitando em outra órbita histórica, Müller se debruça sobre o fenômeno político Luiz Inácio Lula da Silva e sua trajetória da origem sindical à assunção da Presidência da República, feito ilustrativo da Jornada do Herói. Martinez, Correia e Passos se valem de alguns aspectos que diferenciam jornalismo de literatura – sobretudo os personagens – para discutir narratividades, ficcionalidades e eventuais transgressores aos cânones jornalísticos.

Martins enfoca a narrativa em primeira pessoa e novas estratégias para o telejornalismo, a partir de um contexto de onipresença das câmeras. Borelli e Winch se detêm sobre o Jornalismo investigativo praticado na Agência Pública, enquanto Araújo analisa a queda do então ministro da Fazenda Antônio Palocci em meio a denúncias de corrupção e desmandos.

Atenta aos sentidos que circulam em outras realidades, Paes relata as estratégias editoriais de um jornal local diante de um episódio de violência urbana em Grenoble (França), e Emboava reflete sobre a representação midiática do câncer de mama hereditário no caso da atriz e ativis-

ta Angelina Jolie, que decidiu fazer mastectomias preventivas.

O leitor tem ainda nesta edição outros seis artigos, com temáticas variadas, que vão do Jornalismo internacional (tratado por Agnez e por Gadret e Berger) ao policial (no texto de Spannenberg), passando por tendências observadas no Jornalismo digital, nas suas formas de compartilhamento (Bittencourt), nas preferências de consumo informativo (Massuchin e Tavares) e na repercussão de redes sociais como o Twitter na cobertura esportiva (Rebustini e Machado). Fecha o volume a resenha que David fez de *Análise Crítica da Narrativa*, de Luiz Gonzaga Motta.

Desejamos uma ótima leitura!
Até 2016!

Rogério Christofolletti, editor
Cárlida Emerim, subeditora